

UNIVERSIDADE PÚBLICA, COMPROMISSO SOCIAL ¹

Naomar de Almeida Filho, Reitor da UFBA

Queridos alunos e alunas,

Sejam bem-vindos à UFBA neste ano letivo de 2005. Em nome da Reitoria e dos órgãos da administração da universidade, dos professores, pesquisadores, funcionários técnicos e administrativos, tenho a alegria de saudar a todos os estudantes da nossa querida UFBA, em especial aos novos alunos.

Neste ano, estamos fazendo um grande esforço para preparar a instituição para bem receber a todos vocês, nossa razão de existir. Apesar da crônica carência de recursos para custeio e investimentos, fizemos um mutirão e limpamos com capricho os *campi* universitários. Além disso, vamos promover uma Recepção Calourosa com caráter mais acadêmico, estamos modernizando o sistema de matrícula e, neste semestre, revisitaremos todas as unidades para melhor conhecer suas necessidades e demandas.

Vocês estão chegando ou retornando ao seio de uma instituição milenar: a universidade. Vocês já pararam para pensar sobre o que é de fato uma universidade? Que atributos a distinguem de outras organizações dedicadas à educação superior? Que qualidades fazem com que ela seja muito mais que a soma de faculdades ou escolas isoladas?

Primeiro, a universidade compreende toda a riqueza e diversidade da cultura, da ciência e da arte. Por isso, não faz sentido se falar em universidades de disciplinas, de especialidades ou de profissões.

Segundo, além de acolher, a universidade busca integrar e articular todos os saberes, cultivando uma identidade maior do que as identidades disciplinares ou profissionais das faculdades e escolas que a compõem. Ao entrar aqui, mais do que acadêmicos de Engenharia, Música, Medicina, Secretariado, Direito ou de outros dos 61 cursos de graduação e 62 de pós-graduação, vocês serão orgulhosos membros do corpo discente da Universidade Federal da Bahia. Esta será a principal identidade com que a sociedade os reconhecerá, durante o curso e depois na vida profissional de todos vocês.

Terceiro, a universidade se define como uma instituição de formação e não de mero treinamento. Assim, não esperem aqui encontrar apenas formas eficientes de instrução, mas descubram e explorem ao máximo tudo o que lhes será ofertado como oportunidade de crescimento político, intelectual e cultural. Concertos sinfônicos e recitais, seminários e colóquios, peças teatrais e atos performáticos, reuniões e debates, e até mesmo greves e manifestações, fazem parte deste processo de formação social e pessoal.

Estamos engajados em uma dura luta para renovar a nossa UFBA, empenhados em construí-la como uma universidade moderna e competente, justa e igualitária, socialmente comprometida, democrática e, sobretudo, transparente para toda a sociedade. Trata-se de enorme desafio a superar.

¹ - Saudação aos alunos da UFBA em 2005, publicada no UFBA em Pauta Especial, março de 2005.

No plano interno, enfrentamos dois grandes obstáculos: o elitismo acadêmico e o esquerdismo universitário. Ambos parecem ignorar a complexidade da instituição universitária e sua necessária inserção na sociedade contemporânea. Alguns negam a política e crêem que bastam organização e gestão para promover a formação universitária e a produção de cultura e ciência. Outros ignoram a história e acham que mundo, sociedade e cultura podem ser entendidos de modo maniqueísta. Parecem querer destruir o patrimônio social da universidade pública que, no discurso, todos alegam defender.

Tivemos um ano passado muito difícil, não precisamos negar nem esconder. Foi o ano da greve estudantil, inicialmente contra a reforma universitária, mas que depois se concentrou em uma pauta local. Esta pauta já estava aprovada pelos nossos conselhos, em grande medida havia sido atendida e, por isso, não justificaria a paralisação de segmentos estudantis.

Durante o movimento, sérios danos à imagem social da universidade resultaram da ação de alguns estudantes que, inconformados com decisões democráticas de conselhos superiores da UFBA, em vez de usar o direito de recurso pelas vias institucionais cabíveis, produziram reações em cadeia, incluindo invasão e ocupação da Reitoria. Tais eventos terminaram por prolongar desnecessariamente a greve, sobretudo prejudicando os estudantes, em especial os formandos, jovens que batalham para concluir sua formação profissional no tempo mais curto possível.

Mas o ano passado foi também o ano das Ações Afirmativas, do Plano de Desenvolvimento Institucional e da ampliação de vagas, quando a UFBA mostrou-se decidida no cumprimento do seu compromisso social. Implantamos com sucesso o primeiro vestibular de cotas para alunos de escolas públicas, afro-brasileiros e índio-descendentes. Aprovamos o PDI, definindo metas e diretrizes de expansão para os próximos dez anos.

Em ambos os pontos, a UFBA saiu na frente, pois o projeto de lei de reforma do ensino superior do MEC prevê autonomia financeira condicionada à aprovação de um PDI e um sistema de inclusão social que reproduz o essencial do que implantamos em nossa universidade.

Em 2004, pela primeira vez, superamos a marca de quatro mil vagas no vestibular e ultrapassamos os vinte mil alunos na graduação. Além disso, interiorizamos o vestibular, marcando a presença da UFBA nos principais pólos regionais do interior do Estado.

Gostaria de dirigir-me aos novos alunos, os calouros da nossa UFBA, sobre um assunto que nos preocupa em particular. Refiro-me ao trote, sobre o qual enfatizarei três pontos. Primeiro, o trote na instituição universitária é uma manifestação grosseira, primitiva, ultrapassada e perigosa, a ser vigorosamente reprimida. Segundo, o trote violento ainda resiste por causa da iniquidade social presente em certos segmentos da universidade. A essência do trote, na sua caricatura atual, é a humilhação de postulantes a ingresso em uma suposta e auto-designada casta intelectual. Terceiro, na UFBA, encontra-se em vigor uma Resolução do Conselho Universitário que proíbe trote nos espaços da universidade e estabelece punições severas a alunos que o promoverem.

No ano passado, registramos apenas dois episódios em que alunos “veteranos” agrediram calouros ou danificaram patrimônio público da Universidade Federal da Bahia. Dois processos disciplinares foram abertos, um deles resultou na punição do responsável e o outro processo encontra-se em fase de conclusão. Temos a certeza de que este ano não precisaremos acionar esquemas de contenção de trotes nem abrir processos e dar punições a jovens promissores e inteligentes.

Felizmente, este novo ano letivo começa bem. Conseguimos finalmente regularizar o calendário acadêmico, começando o semestre letivo na data regulamentar, após nove anos seguidos de férias canceladas e atrasos sucessivos. Este também será, esperamos, o ano da reforma universitária, quando o Congresso Nacional apreciará um projeto de lei que poderá ser favorável ao setor público, revertendo a tendência histórica recente de privatização desenfreada do ensino superior. Por isso, precisamos debater em profundidade todos os pontos do projeto, produzindo críticas construtivas e sugestões viáveis, além de acompanhar o processo legislativo da sua aprovação.

2005 é também o ano em que a UFBA finalmente apreciará seu Plano Diretor, depois de sete tentativas desde a década de 1960. Estudos preliminares já se encontram prontos para entrar em discussão em todas as instâncias deliberativas das unidades e órgãos, para posterior apreciação pelos conselhos superiores da UFBA.

Temos a certeza de que, com a participação de todos vocês, juntamente com os servidores técnicos e administrativos e o corpo docente, concluiremos com sucesso estes passos para projetar nossa universidade ao futuro promissor que ela merece.

Afirmo recentemente, e repito agora, que a universidade elitista, alienada do povo e do mundo, fragmentada em departamentos e disciplinas, dirigida de modo patriarcal, dominada pela autocracia vitalícia das cátedras, pertence ao passado. Como tal, deve ser apenas lembrada e não mais evocada.

Disse também que a universidade populista, isolada das redes artísticas, culturais e científicas do mundo civilizado, desmembrada em segmentos e disciplinas, dirigida de modo corporativo, não tem futuro. Dessa forma, nem pode ser tomada como modelo de utopia acadêmica. E nós não podemos prescindir de utopias capazes de alimentar nossa esperança de progresso social.

É disso que precisamos para continuar perseguindo nosso lema – UFBA: universidade pública, compromisso social – para continuarmos construindo uma instituição academicamente competente e politicamente responsável, engajada na luta por uma sociedade democrática, sustentável, mais justa e cada vez menos desigual.